

Economia-Brasil

Congelamento

ameaça Maílson

RONALDO JUNQUEIRA
Editor-Geral

A aplicação de um novo congelamento de preços esquentou muito nesses dez dias que o presidente Sarney e o ministro Maílson da Nóbrega estiveram fora do País em viagens à China e Japão. Ambos estão de volta ao País e no centro do furacão que vai se armar nos diversos níveis da administração e da política para aplicação de um novo choque nos preços.

Pressionando o Presidente estarão os políticos ávidos por repetir a fraude eleitoral de 86 quando o PMDB cresceu à sombra do Plano Cruzado, para depois deixar Sarney falando sozinho quando o barco fez água. Dentro do próprio Palácio do Planalto, técnicos com experiência anterior na área econômica começam a dizer que vão se esgotando os prazos do Ministro da Fazenda para controlar a inflação, que anuncia índices acima de 20 por cento para os próximos três meses, véspera da eleição municipal.

Não se trata ainda do processo clássico de fritura de Ministros da Fazenda que o Planalto sempre executa quando se vê sem explicações para os índices inflacionários. Jorge Murad ainda não começou a falar mal de Maílson, mas certamente preocupações já se instalaram em outros gabinetes próximos ao seu.

Contra Maílson, que começa a obter êxito na arrumação das contas externas, vão pesar ainda pressões vindas da Seplan (não de João Batista de Abreu, mas de tecnocratas de outros escalões) saudosos dos paliativos do congelamento. Na própria área de controle de preços da Fazenda alguns técnicos começam a admitir que não dá para executar qualquer política coerente com a inflação batendo índices de 20 por cento, com tendência crescente.

Posto o quadro, afinal, o que está em jogo?

É óbvio que não se busca apenas a cabeça do competente e sério Ministro da Fazenda. O que se quer é liquidar com as chances de combater inflação via con-

trole do déficit público e as correlatas políticas monetárias. O que se quer é mais uma vez enganar o País para depois das eleições entregá-lo às feras, vitimado por estelionato eleitoral.

E como fica a reputação do Governo e das autoridades da área econômica? Ora, que se danem, pois o feio é perder as eleições. O negócio é congelar e depois ver como fica. Argumentos para justificar essa nova sandice econômica certamente não vão faltar. Trata-se apenas de motivar o Governo e a opinião pública. Mais trinta ou quarenta dias o Presidente estará cercado pelos políticos do PMDB e do PFL que, com os candidatos na rua, irão ao Planalto pedir milagres:

Julgamos que a melhor maneira de evitar o novo congelamento e assegurar ao Ministro da Fazenda um mínimo de paz para trabalhar é denunciar a formação desse novo quadro de pressões, dentro e fora do Governo, pois não é possível que se exija resultados de uma política de combate à inflação, via corte das despesas do Estado, em tão pouco tempo. Os próprios resultados do congelamento da URP do funcionalismo ainda não puderam ser globalmente avaliados. A liberação dos preços de alguns setores cipados também ainda está em curso.

O congelamento seria a melhor forma de liquidar de vez com medidas corajosas colocando uma ilusão conhecida no lugar. Certamente, dentro de alguns meses, estariam de volta à situação de agora, só que com um custo social e político insuportável.

O Presidente, com seu mandato definido e livre da chantagem dos constituintes, certamente optará por salvar o País antes de livrar a cara dos políticos que vão pressioná-lo. Afinal, foi o próprio Sarney que disse em Xangai que quer entregar o País em ordem ao seu sucessor dentro de menos de dois anos. Certamente a melhor forma de fazê-lo é dar força ao seu Ministro da Fazenda e a sua política econômica aberta para o mundo real.